

"Você está aqui. Não vai tomar banho hoje?"

Rafayel não olha para Thomas, seus olhos focados no "prédio" à sua frente. É uma fortaleza feita de milhares de pedaços idênticos de espinha de peixe, cada torre com altura diferente.

"Eu sabia que você iria me incomodar, então tranquei a porta do banheiro por dentro. Mas depois esqueci de entrar."

Rafayel pesa o ossinho na mão, pensa um pouco e depois o coloca no canto superior esquerdo da "fortaleza".

Thomas franze a testa.

"E a chave?"

"Não sei."

"Cérebro de peixe", murmura Thomas. Ele toma nota do que Rafayel está construindo.

"Você nem terminou sua pintura ainda.

Por que você está fazendo isso?"

"Talvez seja porque eu não consigo pintar direito agora?"

Ansioso, Thomas sente que qualquer trabalho de Rafayel é uma obra-prima. Ele dá um passo.

"Isso é muito bom! Por que não usamos isso como sua peça final? As pessoas também podem ver a arte da instalação do nosso grande pintor."

Rafayel olhou para ele.

"Você quer que eu reconstrua isso na exposição? São dois mil peças. Eu não tenho tanto tempo."

Thomas esvazia como um balão. Ele massageia as têmporas e diz:

"Os patrocinadores me ligaram de novo hoje. Eles estão muito preocupados com a situação da peça final... Eu sei que você não se importa com essas coisas, mas não é só com você. É também com minha reputação. Eu não posso..."

"Aham, não podemos bagunçar isso."

Rafayel pega uma grande espinha de peixe e a segura no ar e depois coloca-o de volta na mesa. Ele se concentra no "edifício", ignorando completamente Thomas.

Ao ver Rafayel ignorá-lo, Thomas fica exasperado e diz:

"Você já pinta há algum tempo. Por que não me deixa dar uma olhada?"

Dentro do ateliê, uma pintura da altura da parede está coberta de tinta úmida, enchendo o ar com cheiro de minerais.

Thomas se considera alguém que entende de arte. Mas se ele está sendo honesto consigo mesmo, ele não consegue dizer o que está faltando nesta peça. Já está bom o suficiente. Thomas volta do seu torpor e pergunta:

"Isso já não é perfeito?"

"Está faltando uma cor."

Rafayel massageia as têmporas, parecendo angustiado.

"Sem isso, esta pintura não está completa."

"Uma cor é realmente importante? Já é impressionante... Por que não exibir isso primeiro e depois adicionar a cor?"

Thomas se retira da pintura, sua mente se encheu de muitos pensamentos.

"Pinturas que não terminei nunca serão divulgadas ao público."

Rafayel olha para a expressão de Thomas.

"Nem pense nisso. Se você mover esta pintura, eu a queimarei."

Thomas franze os lábios.

"Você é um homem de palavra... Tudo bem, mas tem que haver um prazo. Que tal dois dias? Ou três? Não posso te dar mais do que isso."

Fechando os olhos, Rafayel acena com a cabeça.

□ Capítulo 2

Cor Ausente

Três dias se passam num piscar de olhos. Thomas ainda não teve notícias de Rafayel. Sem outras alternativas, ele retorna à ilha. Na praia, não tão longe dali, um galho grosso

dança na areia. O homem que o segura levanta-se de vez em quando para olhar o desenho.

"Eu já disse isso antes e vou repetir. Está tudo pronto! Por que eu mentiria para você?"

Thomas muda o telefone da esquerda para a direita e depois da direita para a esquerda.

"Você conhece o temperamento dele. Ninguém poderá ver a pintura até a abertura da exposição. Vocês são todos iguais."

Terminando a ligação com o gerente do patrocinador, Thomas caminha em direção ao homem que desenha na praia.

"Já se passaram três dias!"

Thomas diz quando está perto de Rafayel. "Sr. Artista, faltam quatro dias para a exposição! O que você está fazendo?!"

"Você já ficou cego?"

Rafayel se levanta e sustenta o galho com a mão direita. A seus pés, um desenho do mar está na areia.

"Se ao menos você desenhasse isso na exposição. Qual é o sentido de tê-lo aqui?"

Depois de admirar seu trabalho, Thomas pergunta rapidamente:

"Você encontrou essa cor?"

Rafayel bate o bastão na areia duas vezes.

"Se eu fizesse isso, não estaria desenhando aqui", diz ele, um pouco frustrado.

Suspirando, Thomas coloca as mãos na cintura.

"Vamos à fábrica de pigmentos do meu amigo. Existem milhares de cores lá. Você certamente encontrará a que deseja."

"Não", diz Rafayel. "Esses foram escolhidos inúmeras vezes por outras pessoas. Eu nunca vou deixá-los aparecer em minhas pinturas."

Thomas suspira.

"Eu sabia que você seria assim. Eu não teria sugerido isso se pudesse dar-se ao luxo de esperar mais."

Rindo, ele continua em tom melancólico:

"Você era assim quando nos conhecemos."

Olhando para o interminável mar azul, Thomas fecha os olhos.

"Eu me lembro, naquela época, eu me comparei a você..."

Thomas se lembra daquela época em que ainda estava apaixonado por arte.

□ Capítulo 3

Cores Apaixonantes

Em um evento de caridade, sua pintura foi exibida ao lado da de Rafayel. Thomas já tinha ouvido falar de Rafayel antes. Ele pensou que tinha uma chance contra ele. Se sua pintura fosse vendida por um preço superior ao de Rafayel, ele se tornaria famoso da noite para o dia. Com esse pensamento, Thomas foi cedo para a exposição. Desta vez, seus trabalhos tiveram um tom bastante semelhante. Comparando os dois, ele percebeu que o de Rafayel era mais único, mas não queria admitir. Thomas sempre achou que seu trabalho era melhor que o de todos os outros.

Mas quem se aproximou das duas pinturas apenas admirava a de Rafayel e ignorava a de Thomas.

Thomas se tranquilizou. Essas pessoas só se importavam com o nome de Rafayel. Eles não sabiam nada sobre o verdadeiro significado da arte.

Perto do final da exposição, um velho aproximou-se das pinturas. Thomas reconheceu este velho como um famoso colecionador de arte. Finalmente, alguém que conhecia arte. Quando o velho parou diante das duas pinturas, seus olhos olhavam apenas para peça de Rafayel.

"Uma cor tão apaixonante... Só o Sr. Rafayel poderia transmitir emoções como esta."

Thomas foi consumido pelo ciúme.

"A pintura do Sr. Thomas também é muito boa, certo?"

O velho tirou os óculos. Ele olhou para a pintura de Thomas, acenou com o

mão e disse:

"O vermelho está desligado."

A pintura de Thomas não foi vendida por um bom preço naquela noite. Foi naquela mesma noite que ele decidiu "deixar-se" visitar Rafayel.

□ Capítulo 4

Pintor Despreocupado

Rafayel só o deixou entrar quando ouviu que Thomas também era um artista. Essa foi a primeira vez que Thomas o conheceu. Thomas queria ter uma discussão artística com Rafayel sobre cores, mas Rafayel não parecia interessado. Ele apenas sentou em sua mesa, misturando cores em copos de papel.

Thomas perguntou se ele sabia que sua pintura era vendida por um preço alto. Sem levantar a cabeça, Rafayel perguntou:

"Qual deles?"

"Aquele no evento de caridade."

"Oh."

Com sua resposta morna, Thomas ficou confuso.

"Você não quer saber por quanto vendeu?"

"Desde que beneficie a instituição de caridade, não me importa quanto dinheiro isso ganhe", disse Rafayel, depois resmungou sobre a falta de alguma coisa na tinta.

Ele pegou o pincel e procurou alguma cor em sua paleta. Relembrando a crítica do velho, Thomas perguntou:

"Que marca de tinta você usa?"

Como se ele nunca tivesse ouvido falar dessa palavra antes, Rafayel finalmente olhou para Thomas.

"Marca?"

Preocupado com a possibilidade de Rafayel não contar a ele, Thomas decidiu primeiro expor sua escolha de tintas.

"Madeline, Bailey, Curio... Essas são as marcas que eu uso. Vou trocar algumas com você."

Rafayel mexeu o conteúdo do copo de papel com um pincel pequeno. Demorou um pouco para ele dizer: "Obrigado. Mas posso fazer isso sozinho". Tomás respirou fundo. Essa é a atitude de um artista famoso?

"Como você fez o vermelho na sua pintura então?"
ele perguntou.

Rafayel fez uma linha em um pedaço de papel com a tinta do copo de papel. Satisfeito, ele olhou para Thomas novamente.

"Você está aqui porque quer aprender comigo?"

Ao ouvir isso, Thomas ficou um pouco irritado. Mas ele sabia que, para saber a verdade, teria de abandonar o orgulho.

"Se você me contar, vou torná-lo ainda mais famoso."

Rafayel pegou a tinta que misturou em sua tela.
"Eu não pinto para a fama."

Thomas voltou ao presente, abrindo os olhos para ver como as ondas batiam na areia. Ele se sente sentimental.

"Depois disso, estudei administração para me tornar seu gerente. Para ser sincero, fiquei surpreso na primeira vez que vi seu trabalho. Não conseguia acreditar que existia alguém tão talentoso quanto você... Então, acredito no seu talento. Você não seria impedido pelo bloqueio artístico."

Voltando-se, as palavras de Thomas param em sua garganta.
A figura de Rafayel se afasta cada vez mais, eventualmente se tornando um pequeno ponto no
a distância.

□ Capítulo 5

Medidas Drásticas

Faltando dois dias para a exposição, Thomas decide resolver o problema por conta própria. A escuridão cobre o mar e a ilha, e o estúdio é iluminado pelo luar que entra pela janela. Thomas entra furtivamente. Ele olha ao redor e, quando não vê nenhum sinal de Rafayel, fixa o olhar na pintura gigante encostada na parede.

Seus passos são silenciosos enquanto ele se move em direção a ele. Ele coloca as luvas que trouxe com ele, se ajoelha e tenta pegar a pintura.

Neste exato momento, alguém sai das sombras. O ar está cheio de som de um fósforo sendo aceso.

Thomas grita:

"O que você está fazendo com esse fósforo?!"

Rafayel encara Thomas.

"Se essa pintura se mover um centímetro sequer, vou incendiá-la"

"Ok, ok! Tudo bem! Não faça isso!"

Thomas dá vários passos para trás. Rafayel, com o fósforo na mão, fica perto da pintura. Seu olhar não deixa Thomas. com o fósforo tão perto da pintura, o coração de Thomas quase salta do peito.

Apressadamente, ele diz:

"Movi no máximo nove milímetros! Não moveu um centímetro! Você pode ver por si mesmo!"

O olhar de Rafayel muda, mas ele não olha para a pintura. Em vez disso, ele olha para os pés de Thomas.

"Mova-se. Você está pisando na minha concha."

A tábua de madeira em que Rafayel dorme desde o meio-dia está num canto. Thomas acende a luz e a afasta.

"Como você consegue dormir pensando nisso? Você está falando sério fazendo isso apenas para que você possa proteger seu pintura?"

As luzes acendem. Thomas percebe o que Rafayel está segurando: uma concha que ele nunca viu antes.

Ele estala a língua, coloca os braços na cintura e encara Rafayel.

"Faltam dois dias para a exposição e você está aqui experimentando frutos do mar?"

Rafayel olha para Thomas por alguns momentos antes de ele dizer:

"Você não pensa em outra coisa senão comer os alimentos da criação da natureza quando você as vê?"

Thomas leva um momento para pensar.

"Você quer usá-lo como tinta!"

"Sim."

Rafayel limpa a concha com o máximo cuidado.

"A cor que preciso pode estar aqui."

Thomas, após um momento de choque, agarra o braço de Rafayel.

"Então o que você está esperando?! Apresse-se e comece a pintar!"

Rafayel puxa o braço e diz:

"Não posso pintar agora. Vou levar pelo menos três dias para tirar a tinta".

"Três dias?!"

Thomas sentiu como se tivesse sido atingido por um raio. Respirando fundo, ele pergunta:

"É possível extrair a cor em um dia?"

Rafayel dá um tapinha no ombro de Thomas.

"Não."

A excitação desaparece do rosto de Thomas.

Na noite anterior à exposição, Thomas liga para Rafayel pela décima vez, mas sem sucesso. Ele respira fundo. Ele sabia que seria assim. Felizmente, Thomas tem um plano. Não é o melhor plano, mas nesse ritmo ele tem que tentar.

□ Capítulo 6

Uma lenda única

Já se passaram três dias desde o final da exposição. Uma montanha de conchas fica no canto do estúdio, levando a uma variedade de tintas. Pedacos de conchas estão espalhados pelo chão.

Rafayel fica diante da pintura com um pincel. Em sua mão esquerda, uma mancha colorida do tamanho aproximado de um polegar se destaca entre sua paleta colorida. Thomas entra no estúdio de Rafayel com um sorriso. Ele se senta à mesa de centro e se serve de uma xícara de café. Olhando para Rafayel, ele diz, ainda sorrindo:

"Você não precisa continuar pintando. A exposição já acabou."

Rafayel não se vira. Ele arrasta seu pincel sobre a pintura.

"Pendurei uma moldura na parede, dei-lhe um nome estranho e encerrei o dia. Todos que compareceram disseram que era o auge da arte! Quem diria que uma magnum opus poderia ser tão facilmente substituída por uma moldura? Talvez eu ainda tenha algum talento artístico em mim."

Vendo Rafayel ignorando-o, a excitação de Thomas desaparece. Colocando o café na mesa, Thomas vai até Rafayel e olha para sua pintura. Há mais alguns toques de roxo avermelhado na pintura de Rafayel. É a mesma cor brilhante que está em sua paleta. Thomas franze a testa.

"Essa é a cor que você estava procurando?"

"Sim", responde Rafayel.

Thomas dá um passo para trás para observar toda a pintura, depois se aproxima.

"Não sei a diferença entre isto e a violeta clarete das fábricas."

Rafayel olha para ele, sem palavras.

Thomas olha para as conchas próximas e pergunta:

"Você extraiu a cor deles?"

"Sim. Chama-se roxo de Tyr. Foram necessárias dez mil conchas para obter uma grama. É uma cor completamente diferente do violeta clarete.. Você não pode dizer a diferença, Sr. Gerente?"

Thomas coça a cabeça.

"Púrpura de Tiro. Certo. Eu sei, eu sei."

A muito tempo décadas de história da arte desapareceu da mente de Thomas, mas ele se lembra vagamente de que a púrpura de Tiro é um tom mais precioso que o ouro, usado apenas por antigas famílias reais.

"Mas essa cor não é mais rara", diz Thomas.
Afinal, a tecnologia é tão avançada agora.

"Mas é raro."

Rafayel enxuga seu pincel e pinta outra pincelada na pintura.

"Você se lembra do vermelho que procurava há tantos anos?"

Thomas não se vira.

"Tem sido muitos anos. Desisti de procurar. Além disso, não importa o quanto tente, eu nunca conseguiria misturar uma cor tão boa quanto a sua."

Ele Bufa.

"Um vermelhão único... Será que isso existe mesmo?"

"claro que sim", diz Rafayel.

"Vermelhão era uma cor super rara na antiguidade. Você deveria saber."

"Bem, sim, porque o processo naquela época não era tão desenvolvido e eles não tinham a tecnologia. Eles só podiam usar insetos para fazer aquela cor, então precisariam levar em conta o custo de capturá-los e armazenar os materiais é um processo muito caro, então é claro que era raro."

Thomas continua a calcular o custo total.

“Ser trabalhoso é uma coisa, mas não é por isso que é raro.”

Acrescentando outro traço à pintura, Rafayel continua:

"Um inseto só pode dar uma certa quantidade de vermelho ao trabalho de um pintor. O vermelhão hoje em dia pode ser facilmente sintetizado com produtos químicos."

Thomas não entende o que Rafayel quer dizer.

"Isso não é ótimo? Mais pessoas podem pintar agora."

“Mais pinturas têm o mesmo pigmento, feitas em alguma fábrica ao mesmo tempo, com os mesmos produtos químicos e fórmulas”, Rafayel diz.

"Não importa o quanto essas pessoas misturem ou ajustem seus pigmentos, elas sempre estarão confinadas a um conjunto de regras. A cor que elas fazem não vem de um único inseto. Assim como o violeta clarete não vem de uma concha única. "

Com isso, Thomas finalmente entende. As obras dos pintores de antigamente não têm preço devido à escassez de suas pinturas. Ninguém pode reproduzir suas obras, o que as torna únicas. Não há nada mais precioso do que ser único neste mundo. O mesmo acontece para a cor.

Com a última mancha de púrpura de Tiro, Rafayel guarda o pincel e olha para Thomas.

"Esta é a cor única que encontrei."

Thomas fica pasmo. Ele olha novamente para a pintura de Rafayel, com roxo de Tyr e tudo, e parece um pouco diferente. Thomas não sabe dizer exatamente o que mudou, mas sabe que esta será uma das pinturas mais preciosas do mundo.

Poucos meses depois, a pintura de Rafayel é exposta em uma grande exposição.

Um jovem e aspirante artista está na frente da obra de arte e zomba:

"Dizem que a parte mais fantástica desta peça é o roxo avermelhado. Mas não vejo a diferença entre esta e aquela que misturo com tintas normais."

Depois de mandar embora um empresário com um sorriso, Thomas franze a testa. Ele caminha até o pintor, endireita sua postura e diz:

"Deixe-me dizer, senhor. Esta pintura diante de você, com aquele roxo avermelhado, é pintada pelo único Sr. Rafayel. Ele extraiu esta cor única de dez mil conchas,

completamente diferente do fabricado em sua pintura. É isso que torna esta sombra fantástica e é uma das razões pelas quais o Sr. Rafayel é lendário.



◁ ◦ ◻° Addictive Pain ◻° ◦ ▷

□ Capítulo 1

Ignição

O verão deste ano em Linkon City foi tranquilo. Isso até que, numa noite fatídica, uma obra-prima chamada ilusão fez uma grande entrada e agitou o mundo da arte. O nome “Rafayel” surgiu como um maremoto, atingindo a alma de cada artista em Linkon. Sua influência, assim como sua obra de arte, rapidamente se espalhou por toda a comunidade artística.

No final da exposição, Rafayel é recebido por representantes do mundo da arte de mais de uma dezena de meios de comunicação fora do local.

Exatamente como esperado.

"Sr. Rafayel, somos do Face to Art. Podemos solicitar um momento do seu tempo para uma entrevista? Prometemos que não demorará muito!"

"Sr. Rafayel, posso perguntar o que motivou sua repentina decisão de retornar à sua terra natal?"

"Alguns criticam suas obras de arte como fantasias infundadas e desprovidas de alma. Qual é a sua resposta a isso?"

Rafayel mantém um leve sorriso, permanecendo calado e distante. Ao contrário de seu comportamento elegante, seu terno vermelho exala uma paixão ardente tão intensa quanto chamas ardentes.

Repórteres persistentes ainda tentam ir mais fundo, na esperança de descobrir segredos que deixem o público ainda mais curioso.

"Sr. Rafayel, seria correto perguntar de onde você vem? Alguns especulam que você é na verdade membro da realeza de um certo país marítimo. civilização."

"Uma ilha?"

Rafayel continua andando, um leve sorriso brincando em seus lábios.

"Atlântida, talvez?"

"Seu trabalho incorpora um certo charme romântico."

Esta pergunta é respondida em meio ao risadas dos repórteres.

Antes de entrar no carro, uma multidão corre para a beira da estrada.

Uma pessoa pergunta:

"Uma última pergunta, Sr. Rafayel. Por que você escolheu vir para cidade de Linkon?"

Um brilho fugaz e indescritível surge

Os olhos de Rafayel, tão breves que ninguém percebe isto.

"...Linkon City e as pessoas dentro dela.

Invocar um sentimento de admiração para mim."

"Você pode descrever esse sentimento?"

Com um lapso momentâneo em seu sorriso indiferente, Rafayel fala sério.

"Como tempero espalhado em sua mão, na ponta da língua."

"Então, é um sabor?"

"É isso?"

Rafayel entra no carro e fecha a porta. Ele não oferece uma resposta clara ao pergunta retórica, nem pretende obter uma resposta.

Só ele sabe que não é uma questão de gosto, mas um senso de percepção.

Um tipo viciante e doloroso.

□ Capítulo 2

Outro Disfarce

O telefone na mesinha de cabeceira vibra, acordando Rafayel de seu sono na cama do hotel.

De noite para o dia, sua caixa de entrada é inundada com uma variedade de convites e solicitações de visitação. A maioria deles vem de várias organizações artísticas, meios de comunicação e artistas individuais.

Ele rola para baixo, folheando várias páginas antes de seu dedo parar abruptamente.

"Iluminando o Linkon City universidades. Entrevistas com alunos representantes de 34 especialidades diferentes."

O título fora do lugar instantaneamente capta sua atenção.

"Universidade... Ela ainda deveria ser uma estudante da faculdade."

Alguém encaminhou este e-mail para ele.

Rafayel bate nele e examina cada foto. Antes de terminar, ele faz uma pausa. Na fotografia, os estudantes e os representantes da universidade estão todos sorrindo, irradiando alegria e otimismo. Atrás deles há um prédio com uma torre de vidro, onde está pendurada uma placa com o nome da universidade.

Ao mesmo tempo, ele recebe uma nova mensagem do remetente deste e-mail.

"Universidade de Linkon. É onde está a pessoa que você procura."

Há uma batida na porta. Rafayel silencia o telefone e se levanta da cama.

"Aqui está sua correspondência, senhor. Por favor, pegue", diz o robô do hotel, parado na porta.

Suas mãos metálicas e grossas seguram uma pilha de cartas.

Não é novidade que não é apenas um monte de e-mails que chegaram, mas também uma enxurrada de letras físicas.

Rafayel os pega, volta para seu quarto e os joga sobre a mesa. Ele ainda está pensando em que tipo de desculpa deveria usar para aparecer na Universidade de Linkon.

Um artista renomado, vagando sem rumo pelo campus todos os dias e perguntando sobre o paradeiro de uma garota em particular, provavelmente chegará às manchetes em pouco tempo.

Seria melhor fazer isso em segredo.

Enquanto ele pensa, ele inadvertidamente olha para diversas cartas-convite para palestras. Seu olhar permanece neles por um momento. Um pensamento surge espontaneamente na mente.



O Centro de Arte da Universidade de Linkon, coroado por uma torre de vidro, abriga a palestra de Rafayel em seu maior auditório, capaz de acomodar muitas pessoas.

O referido artista está sentado no palco. Ao encerrar sua extraordinária palestra sobre sua arte, ele passa o olhar por cada rosto da plateia abaixo.

Ela está nesta escola, possivelmente ao seu alcance. No entanto, é um sonho pensar que alguém que ele vem perseguindo há muitos anos apareceria aqui de boa vontade.

"Sr. Rafayel, posso fazer uma pergunta que não tem relação com a palestra?"

A voz de um estudante abaixo do pódio tira Rafayel de seus pensamentos nebulosos. Rafayel ajusta sua posição sentada.

"Claro."

"Ouvi dizer que você não gosta muito de discutir sua filosofia artística em público, mesmo recusando convites de instituições artísticas profissionais. você concorda em dar uma palestra em nossa escola? Há algo aqui que possa agradar particularmente a você?"

O aluno sorri, sugerindo que sua linha de questionamento está longe de terminar.

"Seu ex está aqui?"

Um alvoroço repentino preenche toda a palestra no salão. Depois de um tempo, enquanto os alunos lentamente acalme-se, Rafayel responde.

"Talvez."

No momento em que a cacofonia está prestes a diminuir, o ruído surge novamente como uma onda subindo do oceano.

Rafayel finge compartilhar da alegria deles. Seus olhos, cheios de risadas, lentamente se deslocam para fora da janela.

Após o término da palestra, Rafayel sai do auditório. O Reitor da Faculdade de Belas Artes o convida para um chá em seu escritório e, aliás, traz à tona a questão da contratação como professor visitante. O campus é exuberante com vegetação. Com os alunos indo e voltando, Rafayel se sente um pouco melhor enquanto caminha por essas ruas.

Porém, a tranquilidade não dura muito.

“Obrigado, mas gostaria de dar um passeio sozinho e absorver a atmosfera do campus.”

"Espere, tem mais uma coisa.”

□ Capítulo 3

Um novo jogador

Dentro de uma cabine privada no segundo andar do The Nest, Rafayel descansa no sofá, brincando preguiçosamente com uma moeda na mão.

“Não é fácil garantir um encontro com um artista renomado e promissor”, comenta a pessoa sentada, sua saudação repleta de implicações ocultas.

Rafayel não olha para ele enquanto coloca a moeda sobre a mesa.

"Contanto que você possa fornecer informações valiosas, sempre haverá uma oportunidade para nos encontrarmos."

“A palestra na Universidade de Linkon foi muito popular. Parece que você recebeu meu e-mail.”

Enquanto o homem fala, ele tira uma pasta. Ele abre, tira algumas fotos e as coloca sobre a mesa.

"Aqui está o que você pediu. Muitas pessoas estão de olho nela. Pelo que posso ver, alguns vêm planejando há anos. Eles estão colocando as coisas em movimento."

"Os fios do destino já teceram uma teia em torno dela. Você está entrando no jogo tarde, mas... Se agirmos imediatamente, poderemos obter vantagem pegando os outros desprevenidos."

Rafayel escuta sem entusiasmo, examinando as fotos sem nenhuma emoção perceptível. Para entrar agora... Seria uma entrada tardia, mas ele não precisa. Ele está no jogo desde o início.

"O que você tem sobre os outros?"

O homem dá de ombros.

"Não consigo me aprofundar mais. Com seu status atual, você deveria ter mais canais do que eu."

Ele tira outra foto e a coloca à direita.

"Aqui está um bônus só para você."

Ela está na foto, capturada de uma certa distância. A expressão de Rafayel fica um pouco mais fria.

"Acredito que lhe disse para não se aproximar dela."

"Ela não percebeu. Apenas uma estudante universitária comum, indo para a aula durante o dia e depois passando tempo com os amigos. Ela às vezes participa de atividades extracurriculares. Ela está completamente inconsciente de nós. Além disso... ela é o seu tipo?"

"Não faça perguntas desnecessárias."

Rafayel ri. Ele pega a fotografia da garota e se levanta.

"E não faça nada desnecessário também."

De repente, as chamas incineram o arquivo nas mãos do homem, bem como as fotos na mesa. É intenso, cegante.

"Caso contrário, você nunca conseguirá trabalhar com ninguém nunca mais."

□ Capítulo 4

Isca

O campus da Linkon University é acessível a todos. Rafayel caminha à sombra do caminho arborizado, cercado por centenas de pessoas.

Desde que deu aquela palestra, ele passou a amar o ambiente do campus. Folhas verdes e tijolos vermelhos. A área ressoa com risadas e gritos simples e nítidos. Até o ar está saturado com o aroma floral do final do verão, revigorante e refrescante.

Que mar livre e raso... Sob o sol, a água é tão clara que se pode ver o fundo.

Todo mundo é apenas um cardume de peixes neste vasto oceano, incluindo ele mesmo. Mas ela é apenas uma isca, disfarçada de peixinho vermelho.

É possível que neste exato momento ela esteja no meio da multidão. Ela pode ainda estar em alguma sala de aula pela qual ele ainda não passou. É possível que num momento de descuido, despercebido por ele, ela já tenha passado por ele.

Não importa onde ela esteja, sua aura tem

atraído muitos predadores que não pertencem a estas águas. Rafayel sabe que se morder a isca e aparecer ao lado dela sem um planejamento meticuloso, sem dúvida se tornará uma presa.

E pode haver alguém espreitando nas sombras, usando-a como isca para capturá-lo.

Rafayel sabe que como já chegou a esse ponto não há necessidade de pressa. Ele deve garantir sua segurança absoluta antes de fazer qualquer coisa precipitada.

Além disso, ele está disposto a passar o resto dos seus dias com ela.

Ele quer acertar as contas com ela, pouco aos poucos, lenta e continuamente.

Com esse pensamento, uma dor profunda arde em seu coração, gradualmente se infiltrando, permeando todo o seu ser. Este processo é inegavelmente doloroso, mas viciante. Uma folha trêmula pousa no ombro de Rafayel. Ele para, sacudindo a folha, e seu olhar cai sobre o lugar próximo.

Por uma estranha reviravolta do destino, a fotografia de um rosto familiar está bem ali. Rafayel a reconhece à primeira vista, tantos anos depois. Esta fotografia é mais nítida do que qualquer outra que ele já tinha visto antes. Ele consegue reconhecer as feições dela, que mudaram um pouco em relação ao que ele lembra. Ela não é mais tão jovem como antes, mas seus olhos ainda brilham com a mesma alegria de sempre.

Uma voz ecoa do fundo de seu coração.

"Há muito tempo sem te ver."

"Você não é aquele pintor famoso?"

Raf—"

Os alunos próximos o notam e explode em excitação. Rafayel se vira e os cala. A outra pessoa fica muito feliz. Rafayel aponta para as figuras no quadro e pergunta:

“Você sabe onde os alunos desse curso costumam dar aulas?”

Ninguém resiste a ajudar uma pessoa bem-educada, pessoa renomada.

"Não há sala de aula fixa para aulas teóricas, mas a maioria dos alunos cursa disciplinas eletivas cursos no quinto andar."

Ele aponta para a instalação atrás dele. "Naquele prédio ali!"

Rafayel olha para o prédio por um momento, depois seus olhos se voltam para o chão.

Um, dois, três, quatro... Ele está contando.

Ele conta cinquenta passos.

Em cinquenta passos, ele estará muito mais perto dela.

“Obrigado. Além disso, por favor, não mencione isso para qualquer outra pessoa.”

"Sem problemas! Mas a sua...?"

"Claro", Rafayel diz e se afasta

do quadro de avisos. "Mas perde o encanto se você diz isso em voz alta."

Quanto mais informações ele aprende, menos apressado ele se sente.

Para cada passo que eles dão, são necessários apenas alguns para se reunirem.

Além disso, ele mordeu a isca que ela usou uma vez antes.

□ Capítulo 5

Encontro Inesperado

Uma semana depois, no escritório do reitor.

"Fantástico, você será nosso professor visitante por um ano, Sr. Rafayel!"

O reitor da Faculdade de Belas Artes, satisfeito, guardou em um arquivo o contrato de duas páginas que Rafayel assinou.

"Espero que passemos momentos maravilhosos trabalhando juntos."

Rafayel decidiu ser professor visitante. Às vezes, é um prazer único observar um peixinho nadando sozinho numa vasto e desconhecido redemoinho.

"Então, Sr. Rafayel, você tem alguma opinião sobre o tema da primeira palestra?"

Ele pensa um pouco sobre isso. Sorrindo, ele diz:

"Vamos começar com a história da arte."

Enquanto fala, Rafayel volta o olhar para a janela.

"Deixe-me contar uma história, um capítulo da história da arte que nunca apareceu nos livros didáticos."

Em breve, posters da série de palestras Mar Perdido: Arte e Civilização da Lemúria, de Rafayel, preencherão todos os cantos do campus.

Dentro do café do campus, Rafayel está sentado perto da janela. Ele está folheando um pequeno livro de cores. Um copo quase vazio de café está na frente dele. A antiga civilização da Lemúria, um assunto há muito tempo esquecido, tornou-se subitamente um tema popular no campus com a ajuda de Rafayel.

"Há uma mesa vazia aqui."

"A propósito, qual era o nome do bolo que pedimos da última vez? Era absolutamente delicioso!"

Assim como era hora do intervalo da manhã, um grupo de meninas chegou e se acomodou nos assentos atrás dele.

"Eu acho que é... Queijo Sal Marinho?"

Uma voz familiar gentilmente faz cócegas nos ouvidos de Rafayel.

"Queijo Salgado Marinho, como um dia de verão à beira-mar. Aquele desenho em forma de concha..."

Do lado de fora da janela, uma folha cai. A menina continua conversando com as amigas, mas Rafayel não consegue mais entender suas palavras.

Um dia de verão à beira-mar.

Conchas...

O mar.

Embora sua voz tenha amadurecido, sua pronúncia, sua enunciação, o ritmo de sua fala e até mesmo a ênfase em suas frases... Cada palavra atinge como um batida de tambor, despertando lembranças há muito tempo enterradas em sua mente.

"Você tem acompanhado as palestras sobre Lemúria na escola de artes? Quero assistir a uma! assim que abrirem!"

Sua amiga fala com o coração cheio de tristeza, mas a voz da garota carrega uma sugestão de confusão.

"Lemúria?"

"Você certamente sabe disso!"

"..Eu estava ocupada me preparando para minha proposta de tese."

Ela ri.

A confusão da garota é um tanto estranha, deixando-o sem saber se ela nunca ouviu falar da Lemúria antes ou simplesmente não tem certeza do que se trata a palestra.

Rafayel desliza a colher pela borda do sua xícara de café enquanto ouve.

Se os temperos não forem suficientemente adicionados, o tempero será uma mediocridade.

A conversa por trás dele já seguiu em frente. Ele não vê sentido em ficar aqui por mais tempo.

Rafayel coloca a colher no porta-copos. Ele levanta a mão e chama a atenção de um garçom que passa.

"A conta, por favor."

□ Capítulo 6

Uma oportunidade perfeita

De manhã, no ateliê do Centro de Artes... Os alunos movem os cavaletes para as laterais da sala, com os olhos voltados para a tela que Rafayel colocou no centro.

"Sr. Rafayel, já que a série de palestras sobre Lemúria terminou, sobre o que será a próxima série?"

"Aposto que é tinta! Olha aquele pote de vidro..."

Este é um tipo raro de aula de arte. Rafayel senta ao lado da tela. Ele não tem pincel nem paleta. Em vez disso, ele mergulha a mão em um tonel de tinta vermelha vibrante.

Os alunos sentem um leve cheiro picante no ar.

"Quais são os ingredientes vegetais nesta pintura? Pimenta?"

"Ele pode transformar isso em tinta, hein? Esperado do Sr. Rafayel."

"Podemos usar molho picante para pintar a partir de agora!"

"Tudo o que você sabe é comer. Como esperado de um estudante."

Em meio à comoção, Rafayel permanece totalmente absorto em suas pinturas.

"Várias pimentas podem dar diferentes cores. Usar pigmentos vegetais para pintura é nada especial."

Ele tira um pouco de vermelho, esfrega entre os dedos e cheira.

As cores já se espalharam em suas mãos, mas o cheiro permanece fraco demais. Não atingiu o nível que ele desejava.

"O tempero é uma sensação, não só perceptível pela boca, mas também pela pele. É semelhante à pintura."

Rafayel aplica um traço vermelho no tela.

"A cor também é uma sensação. Se... Apenas confia em seus olhos para julgar, torna-se superficial. As cores não apenas mudam com a mudança de luz de momentos diferentes, mas também parecem totalmente diferentes aos olhos de várias criaturas. É por isso que criar arte e quem é a arte apreciada são de grande importância."

Os alunos trocam olhares. É um

Princípio simples, ainda vindo de Rafayel,
Parece que isso significa outra coisa.

"Sr. Rafayel, aos seus olhos. Isso não é vermelho?"

"Você só vê a cor vermelha?"

Rafayel sorri, mas não continua a conversa. Os alunos, entendendo sua sugestão tácita, dirigem com tato o tópico em uma nova direção.

"Sr. Rafayel, quanto tempo você planeja ficar em Linkon City? Ainda podemos entrar em contato com você depois de terminar seu trabalho aqui?"

"Sim! Quando você terá outro
exibição?"

Na tela, tons de vermelho variados são gradualmente em camadas. A dor do tempero penetra através das pontas dos dedos, começando a estimular um nervo excitado.

Talvez ele permaneça em Linkon City por muito tempo.

Afinal, ele ainda não convidou formalmente um apreciador de arte, e sua tinta ainda não está devidamente misturada.

O momento perfeito acontecerá em um futuro distante.



☞ ◦ ◦ ☒° Siren's Song ☞ ◦ ◦ ☒°

☐ Capítulo 1

Cliffhanger

Maverick finalmente chega à praia. A sereia que o enganou está sentada nas rochas. Ela se vira, sorrindo em meio às ondas fragmentadas.

Sua linhagem que durou 100 anos chegou ao fim, o brasão de sua família manchado com o sangue de entes queridos. A sereia é a responsável. Ele a amava, mas ela desenterrou seus corações com as próprias mãos. Ele atravessa as águas rasas e sobe nas rochas.

Suas mãos estão
marcada por cicatrizes.

Essas mãos sangrentas já embalaram o rosto da garota, acariciando-a delicadamente características esculpidas.

Mas o amor dela é uma teia meticulosamente tecida de mentiras.

A água do mar molha as roupas de Maverick enquanto ele lentamente abre a boca, cantando uma melodiosa canção de amor para seu ex-amante. É a canção que ela lhe ensinou uma vez, uma balada de sereia.

Sua voz flutua desde as profundezas das ondas até elevando-se acima dos céus, do pôr do sol ao nascer da lua, da maré alta à maré baixa. Ele canta com tanta paixão que até a Sirene fica cativada por sua voz encantadora. Passo a passo, ele se aproxima dela, acariciando as manchas de sangue em seu rosto que ainda não foram lavadas. Ele a abraça, sussurrando ternamente em seu ouvido enquanto revela a adaga escondida em sua manga. Ele mergulha em seu coração quando a música atinge seu clímax.

Cortinas vermelhas descem como uma cascata de sangue, os ecos persistentes da balada ressoando na vasta casa de ópera. No palco, o homem interpretando Maverick graciosamente se curva, seus olhos turbos escondidos atrás de uma máscara. Somente então o público desperta da melodia encantadora, em erupção em aplausos estrondosos.

"Ele certamente será a estrela em ascensão do Opera World, um prodígio ... "

"Eu já criei a manchete! Vamos chamá -lo de ressurgimento da voz da sirene: Royal Opera House 10th Anniversary Performance!"

Assim como todos o enchem de elogios intermináveis, um grito agudo parece quebrar a cúpula de vidro do edifício, como garras rasgando um manto magnífico.

"Sr. Fallon... está... Ele está morto!"

Atrás da cortina, Rafayel se apoia na porta dos bastidores, fechando a cacofonia. Ele fecha os olhos e respira fundo algumas vezes. Finalmente, ele pode ser ele mesmo. Uma dor lancinante lateja em sua garganta, pulsando em conjunto com os batimentos cardíacos.

estimulando rapidamente seus nervos. Ao tocar seu pomo de adão, ele puxa fora uma nova gravata de sua pasta de couro, o acetinado suave entrelaçado entre os dedos. A textura fria gradualmente envolve o pescoço. É como revestir uma lâmina.

O palco é adornado com um tapete de veludo simbolizando o mar. Seus sapatos de couro passam sobre ele, absorvendo todo o barulho de fundo.

Esse desempenho está longe de terminar.

"Atenção, por favor! Pessoal não essencial, Por favor, evacue imediatamente! “

Como um detetive particular de renome de uma empresa local proeminente e familiar, Louis também recebeu um convite para a apresentação desta noite e agora está pressionando a multidão frenética. Ele consegue se acalmar e furtar a entrada do palco. Ele se esconde ao lado das luzes do palco atrás da cortina, observando a situação. No centro da caixa VIP, o falecido está agora cercado por fita de barricada, mantendo a posição sentada desde quando ele assistiu ao show. Com seu sorriso, ele parece a escultura de uma vítima de assassinato. Louis sente alguma brisa por ele. Alguém está andando no palco, atrás da cortina. Ele puxa a cortina para trás, mas ele só vislumbra uma pessoa abaixando a borda do chapéu, desaparecendo na saída

□ Capítulo 2

Gerente de Palco

No coração de Verona, Rafayel empurra Abrindo a porta do café. Antes que o tilintar dos sinos de vento desapareça, ele se dirige direto para uma mesa vazia e se senta. Algumas meninas do ensino médio vestidas de uniformes sentam -se à beira da janela. Você sempre pode obter as fofocas mais quentes das meninas daquela idade.

"Você já ouviu falar sobre o que aconteceu quando eles realizaram Siren's Voice?"

"Uma pessoa encantada com a balada da sirene vai morrer com um sorriso ..."

"O Sr. Fallon não teve ferimentos externos ou sinais de envenenamento. A polícia não encontrou qualquer pista. "

"Talvez esse cantor de ópera seja realmente o deus do mar. Ele se vingou."

"Eu ouvi que o nome dele é Mo ..."

Rafayel passa as notícias em seu telefone. Está repleto de relatos sobre o desempenho e a morte inesperada do Sr. Fallon.

Como se não encontrasse a notícia que queria ver, ele volta para a tela inicial. Rafayel bebe seu Americano.

Quando o copo está meio vazio, ele ouve saltos altos batendo no chão acompanhados de sinos de vento. Ele não olha para cima.

"Você chegou tarde. De novo."

Talia tira o lenço e senta -se em frente a ele.

"Seja legal com a sua tia. Corri assim que a apresentação terminou."

"Eu tenho que comprar uma bebida para você?"

Talia assentiu, como se fosse dado adquirido.

"Um Velvet Latte. Obrigado."

Vendo Rafayel permanecer imóvel, ela bate o jornal na mesa algumas vezes.

"Eu não sou um professor de canto barato, você sabe. "

Rafayel se vira e pede um café com leite. Ele está prestes a entregá -lo a Talia quando ele pausa a sua mão.

"As coisas. Você trouxe?"

"Está na minha bolsa."

Ela tenta tomar a bebida, mas Rafayel a puxa de volta. Sem outra escolha, Talia pega uma pilha de documentos da bolsa e os empurra para o centro da mesa. Só então Rafayel abaixa o café com leite. Ele começa a folhear as páginas.

"Bem, você não está mal -humorado ..."

Talia bebe o café com leite e observa Rafayel lendo atentamente os documentos. E depois de hesitar por um momento, querendo preencher o silêncio, ela diz:

"Eu assisti sua performance naquele dia."

Rafayel ainda não olha para cima.

"Sim."

"Você já se acostumou a Verona?"

"Não importa. Estou aqui por pouco tempo."

Sua expressão permanece imperturbável, mas Talia o percebe anotando nomes com uma intensidade que faz com que sua caneta quase perfure o jornal.

Ela quer dizer mais, mas luta para encontrar as palavras certas.

Após esse incidente na Lemúria, Rafayel mudou. Talia sentiu que não podia mais reconhecê-lo. Se o Rafayel do passado

Era uma chama ardente, então o Rafayel de agora parecia um recife atingido por implacáveis ondas - externamente frias e duras, mas cheias de rachaduras, vulneráveis a desmoronarem na próxima onda.. Perdido em pensamento, Talia percebe que Rafayel já guardou os documentos. Ele está vestindo seu paletó e ficando pronto para partir.

Ela rapidamente agarra o pulso dele.

Rafayel se vira.

"Você tem outras pistas?"

"Não", diz Talia, balançando a cabeça.

"Há uma exposição internacional de arte em Verona semana que vem."

Rafayel está silencioso.

Ela continua:

"Lembro que você gostava de pintar. Eu pensei que você poderia estar interessado".

Rafayel permanece quieto por um longo tempo. Desconfortável, Talia sente uma sufocante ansiedade.

"Eu sei que você vai lidar com tudo, eu
Só espero que você..."

"K está morto. Nós seguramos a Cerimônia Seamoon para ele no último sábado,"

Rafayel olha pela janela, olhando para algo à distância.

Talia se levanta.

"O que?"

"Nem todo sobrevivente lêmuriano pode esperar."

Ele afasta o rosto, seus olhos brilhando. Talvez ele esteja derramando lágrimas, mas Talia não tem certeza.

Seria a única informação que ele trocou durante o dia e agora é a vez de Talia ficar em silêncio.

O que exatamente é "certo"? Ela não sabe mais.

Eles só se tem como família agora,
No entanto, neste momento, tudo o que ela pode fazer é assistir pela janela enquanto Rafayel sai.
Sozinho.

□ Capítulo 3

A quarta parede

As pessoas olham pela janela do café para ver pela rua enquanto Louis olha para dentro do café de fora.

Sob pressão do público, a polícia encerrou o caso às pressas. Eles consideraram a doença como a causa da morte, mas a família do Sr. Fallon pagou a Louis várias vezes o valor habitual para continuar a investigação. Louis reconhece a mulher dentro do café. Com o cabelo adornado com um grampo dourado, ela é Talia, uma soprano renomada. Ele já havia sido contratado para investigá-la. Apesar de ser uma celebridade, não há muitas informações sobre sua vida pessoal. Ela também não tem parentes ou amantes conhecidos.

Que reviravolta surpreendente nos acontecimentos. O Sr. Mo parece mais intrigante do que pensava inicialmente. Louis começa a ansiar por um confronto com ele, e não apenas pelos honorários. Como detetive, encontrar um adversário digno é sempre a parte mais emocionante do trabalho. Uma mistura de curiosidade e admiração muitas vezes transcende o dever.

Enquanto ele medita, o homem sai do café, seu comportamento tão indiferente como sempre.

Os pés de Louis agem mais rápido que sua mente. Ele corre atrás dele, sua mão instintivamente alcançando sua câmera. Ele esquece por um momento que, como detetive particular, permanecer invisível é fundamental. Mas quando o homem entra em um beco, ele desaparece na escuridão.

Esta é a segunda vez que Louis sente falta dele. Frustrado, ele pára no meio do caminho. De repente, chamas acendem no final de beco.

"Fale. Por que você está me seguindo?"

□ Capítulo 4

Improvisar

Este poder ser o dia em que Louis está mais próximo a verdade. Em um restaurante chique, Louis se senta em frente a Rafayel.

"Se você responder algumas perguntas, prometo que vou parar de segui-lo. O que você acha?"

Rafayel não responde, o que Louis interpreta como consentimento.

"Você gosta de mitos, Sr. Rafayel? Meu favorito é The Killer Song."

Que absurdo. Percebendo que não há suculenta fofoca, a mãe e a filha no mesa seguinte concentra sua atenção novamente na sopa de milho à sua frente.

"Mas ouvi dizer que isso foi alterado com o tempo." Louis murmura: "Você deve estar familiarizado com a história original. Estou correto, Sr. Rafayel?"

Rafayel come devagar, uma faca na mão e um garfo no outro. Ele corta a carne no prato com a elegância da classe alta.

"Não tenho interesse em escrever contos de fadas."

"Tudo bem", Louis diz com um sorriso. "Deixe-me lhe contar uma versão da qual gosto bastante."

Lendas dizem que a sirene não era uma mulher graciosa, mas um encantador e bonito tritão. Ao contrário das histórias nas óperas, ele conheceu uma mulher na praia, mas ela pegou a sua cauda e cortou as escamas. Na porta da morte, a sirene cantou uma elegia triste. Por fim, a mulher na costa faleceu com um sorriso enquanto cantava. Rafayel toma uma colher de sopa.

"Legal."

É tudo o que ele tem a dizer depois de ouvir a história. Naturalmente, Louis não se contenta em deixar por isso mesmo.

"Acho que esta versão é muito simples, então tomei a liberdade de reescrevê-la."

Pessoas atraídas pela balada da sereia não morrem em paz. Seus sorrisos são apenas uma máscara concedida pela Sereia. Em vez disso, à medida que se aproximam da morte, eles testemunham visões bizarras enquanto são mergulhados em um tormento sem fim. Um padrão azul, representando a sereia, aparece em seus peitos. É um lembrete constante dos pecados que cometeram contra o mar.

"O que você acha?"

"Muito criativo."

Rafayel permanece não impressionado.

"Obrigado", diz Louis. "Mas Sr. Rafayel, você realmente acha que a história acabou? Eu adicionei um pouco..."

A Sereia volta ao mar, acreditando que tudo acabou. Mas ele descobre que seu reino subaquático se transformou em ruínas encharcadas de sangue. Seu povo tem desaparecido, transformaram-se em espuma sangrenta ou foram sequestrados. Sua terra natal se transformou em uma cidade silenciosa e deserta da noite para o dia. Ah, e como pelo nome deste subaquático reino-

Lemúria.

Louis narra com entusiasmo seu "adendo" à história. Nesse momento, o chef serve-lhes o prato final meticulosamente preparado.

Um peixe deitado no meio de alecrim branco.

Rafayel ainda não fala, mastigando devagar.

Ele para por um longo tempo, aparentemente saboreando o sabor.

"O que é isso, Sr. Rafayel?"

"Tem osso."

Louis pega um documento antigo e o empurra para Rafayel. Diz:

"Em 2034, uma cidade subaquática foi desenterrada no oceano a sudeste da cidade de Linkon. Foi confirmado que eram as ruínas da Lemúria, confirmando a existência da Lemúria."

"Minha história não é apenas pura imaginação. Qualquer Pensamentos, Sr. Rafayel?"

"Talvez você não devesse ser um detetive particular."

Rafayel empurra o documento de voltar. Sua fachada indiferente parece impenetrável. Mas Louis, ainda determinado, tenta uma última vez.

"Há uma parte que ainda não descobri."

"Qual é?"

Quando a Sereia regressa à praia... Como é que ele se vinga dos responsáveis pela destruição da Lemúria?

Louis pega um arquivo pessoal robusto e o coloca sobre a mesa, enquanto observa a expressão de Rafayel.

Desta vez, Rafayel não finge desinteresse. Ele começa a folheá-lo.

"Eu acho que ele primeiro aprenderia com eles."

"Realmente?"

Luís fica surpreso.

Ele não consegue encontrar nenhum erro neste homem. Além do sorriso de Rafayel, nada parece estar errado. Apesar disso, ele fica ainda mais perplexo com a resposta de Rafayel.

"Ele tem que estudar sua inteligência e crueldade, você sabe."

Rafayel se levanta e sai, deixando apenas essa declaração pra trás.

Esta é a terceira vez. Louis sente que conseguiu algo, mas ainda se encontra de mãos vazias.

□ Capítulo 5

Um show individual

O menino está sentado sozinho no meio do recife de coral, cantarolando baixinho "Siren's Ballad".

As ondas batem na costa, manchando-a de vermelho escuro. A cor combina quase perfeitamente com o sol poente ao longe. Aqueles que o enganaram já partiram há muito tempo em seus enormes navios, rindo o tempo todo.

“Siren’s Ballad” não é uma canção de vingança. É uma elegia cantada à Lemúria.

Rafayel sacode as gotas de água do cabelo dele.

Ele sente que ainda está debaixo d’água. Os gritos de morte de seu povo ecoam em seus ouvidos, chiando e estalando como um disco quebrado que está sendo feito em pedaços. Algo em seu peito uiva, incitando-o a abrir os olhos e vingá-los.

Rafayel quer se levantar.

Mas, ao mesmo tempo, seu corpo é enredado pela correnteza escura. Na escuridão, as sombras daqueles que ele pessoalmente colocou para descansar emergem e o arrastam para baixo, cada vez mais para as profundezas.

A água da banheira é pesada.

Realmente.

Pesado.

Dividido entre várias forças, é como se ele estivesse sendo dividido em dois.

"Não tenha medo."

Em meio ao caos, Rafayel ouve a voz sua da mãe.

Ele se lembra do último sábado.

Ele empurrou a cadeira de rodas de K para fora do quarto do hospital até a praia.

"Agente firme. Vou trazer todo mundo para casa."

Mas K balançou a cabeça, olhando para o mar.

"Não aguento mais. Eles tiraram minhas escamas e tiraram meu sangue. Repetidas vezes. Não sou mais lemuriano."

O médico disse-lhe em particular que K estava nas últimas. Ele não tinha certeza do que o manteve em tal agonia até agora. A terra e o céu ilimitados já foram o sonho de muitos Lemurianos, mas eles não poderiam ter imaginado que isso se transformaria em um pesadelo sem fim.

Os Lemurianos restantes também apareceram. Eles prometeram a K que iriam realizar o Cerimônia de Seamoon, mas Rafayel ainda achava difícil se desapegar.

Quando a lua atingiu seu ponto mais alto no céu, eles empurraram o corpo de K para as profundezas do mar, observando-o lentamente torne-se um com a água.

No meio da multidão, K olhou para Rafayel e sorriu.
Rafayel leu seus lábios.

"Não tenha medo", ele disse.

Rafayel se lembra de uma época de muitos, muitos anos atrás. Embora seja memórias desbotadas agora, ele se escondeu atrás de sua mãe durante uma cerimônia Seamoon. Sua mãe puxou-o gentilmente para o lado dela, permitindo que ele testemunhasse o ritual.

"Não tenha medo..." ela murmurou suavemente.

O mundo gradualmente fica claro diante de Rafayel.
Ele respira fundo várias vezes e depois se enrola em um roupão de banho. Descalço, ele caminha no tapete e analisa o documentos que Talia lhe deu.

□ Capítulo 6

Próxima Apresentação

Quando relutante Louis chega ao cais, Rafayel já embarcou em um navio em partida de Verona.

O clima é perfeito para velejar: claro e brilhante. A estação de rádio portuária continua sua transmissão 24 horas por dia de cidadãos ligando.

"Esta é a 176ª ligação sobre a apresentação especial de aniversário. Embora tenha terminado há vários dias, inúmeros membros da audiência que a vivenciaram pessoalmente ainda a elogiam como inovadora. É uma lembrança inesquecível Até eu, Joanna, me arrependo de não ter ido ver!
Agora, vamos atender a próxima ligação."

Depois que a chamada é conectada, a voz do outro lado fica nítida.

"Oh, aquele cantor de ópera Mo! Ele é uma verdadeira sereia! Seu canto pode seduzir e matar! Vou segui-lo para sempre-"

A chamada é interrompida abruptamente. Parece que um fã obcecado perdeu a cabeça e está agora caindo na loucura.

O navio navega por muitos dias no vasto oceano azul. Finalmente, aparece um horizonte branco prateado.

Rafayel está no convés, uma mala com requintados fechos de ouro a seus pés. Atrai olhares frequentes de outros passageiros.

"Caros passageiros, nosso destino, Linkon City, está logo à frente..."

Ele pega uma pilha de documentos e os incendeia. As cinzas são imediatamente levadas pela brisa do mar. Então, ele tira um cartão de visita do titular do cartão e vira-o entre os dedos.

Quem conhecia as pistas do detetive particular foram, em alguns aspectos, mais abrangente do que o seu?

"Tudo bem, estou saindo do navio agora", ele diz. A gaivota que o seguiu durante todo o caminho deixou seu ombro com relutância. Aproximando-se da praia, sopra uma brisa marítima. Uma foto do bolso do peito de Rafayel está explodida. Mas antes que possa ir longe demais, uma gaivota o agarra com o bico e devolve para ele.

Rafayel olha para a garota da foto, um sorriso enfeitando seus lábios. Ele acaricia a gaivota. "Vou te dar alguns lanches saborosos da próxima vez."

